

## ALIMENTAÇÃO E FOME DO SERTÃO CEARENSE NA LITERATURA DO FINAL DO SÉCULO XIX.

ÉRIKA GONÇALVES DE MENDONÇA\*

Esse trabalho tem por objetivo perceber como os problemas causados pela seca interferiram nos hábitos alimentares dos sertanejos, predominantes dos tempos de normalidade climática e estabeleceu novas práticas a partir de condições altamente adversas durante o período da estiagem de 1877-79, no Ceará.

Para isso, utilizamos como fonte algumas obras literárias produzidas sobre o período em tela: *A Fome* (1890) de Rodolfo Teófilo; *Os Retirantes* (1879) de José do Patrocínio e *Luzia-Homem* (1903) de Domingos Olímpio. Além da literatura referente à seca, também utilizamos alguns poemas de Juvenal Galeno, como *O vaqueiro* e *O meu roçado*, para tentar compreender como se dava a dinâmica da cultura alimentar sertaneja.

“O tema de hábitos alimentares é um dos que, por excelência, pertencem à Antropologia. A investigação cultural em nutrição tem como tema central a identificação dos hábitos alimentares e das motivações das mudanças que eles podem sofrer” (CARNEIRO, 2003: 21). Apesar dos estudos sobre a alimentação ter tido um maior avanço, tanto teórico, quanto metodológico, em outras ciências, como a Antropologia, isso não significa que a alimentação também não seja um objeto, por excelência, da História. O que também não impede que possamos dialogar com a Antropologia para analisarmos o nosso objeto, buscando nela um suporte teórico que embase o nosso trabalho.

Tendo claro, que a alimentação é um rico indício para penetrar na vida de homens que viveram em um determinado tempo, espaço e sociedade, isso pressupõe que ela tenha uma grande importância para os estudos históricos. Dessa forma, cabe à História investigar a alimentação e suas transformações ao longo do tempo. Tendo a mudança como ponto de partida, entendemos que a seca de 1877-79 ocorreu em determinadas condições específicas que a diferencia de tantas outras que assolaram o sertão cearense.

Essa seca, caracterizada por Rodolfo Teófilo como a grande seca ou seca-tipo, ficou conhecida pela grande repercussão que teve. No entanto, há toda uma produção

---

\* Graduada do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Bolsista IC-UECE, com orientação do Professor Doutor Antonio de Pádua Santiago de Freitas.

historiográfica<sup>1</sup> que vêm mostrar que essa não se diferencia pela sua intensidade, duração ou extensão, mas devido às novas conotações decorrentes das conjunturas históricas que a cercava. Ela vai ocorrer em um período que o Nordeste passava por crises: na economia, devido à queda do preço de seus produtos de exportação; na política, onde a classe dominante sofre uma progressiva perda de espaço na política nacional; além da desestabilização social com a ineficácia da relação de proteção e submissão entre proprietário e trabalhador, devida a essas crises (ALBUQUERQUE, 1988).

Ao analisar algumas obras literárias que retratam diferentes secas como, por exemplo, *A Fome*, *O Quinze e Vidas Secas* é fácil perceber aspectos que lhes são comuns como: a falta de assistência aos sertanejos; a fome, a miséria e o movimento migratório do interior para as cidades litorâneas, principalmente, a capital. Embora essas sejam cenas que parecem se repetir é preciso ter claro que elas se dão em condições específicas. Por isso, insistimos em destacar características que são próprias dessa estiagem de 1877-79, para compreendermos melhor em que condições se deram o movimento de retirada daqueles sertanejos e quais relações eles estabeleceram com a alimentação.

A partir dessa literatura já citada, também é possível perceber a forte ligação que existia dos sertanejos com a terra, com o meio em que viviam. E até metade do século XIX, esse apego à terra era assegurado através dos frágeis suportes do modelo “tradicional” de produção agrícola, o qual se matinha através das relações paternalistas que garantiam reservas e proteção no período de estiagem. No entanto, as mudanças ocasionadas pela grande produção algodoeira, que a partir de 1850, passou a subordinar a produção de subsistência e invadir as reservas destinadas ao período de escassez, vieram forçar uma grande parte desses sertanejos a sair em retirada. Porém, devido ao grande apego à terra e às fortes esperanças de chuva, muitos só se retiraram, quando todos os recursos se esgotaram e os últimos grãos de sementes se acabaram (NEVES, 2000).

É através de realidades, como aquelas representadas em *A Fome* e em *Os Retirantes*, que buscamos visualizar a trajetória vivida por muitos sertanejos que só saíram de suas terras quando já não existia mais nenhum recurso para sobreviver, ou seja, já se encontravam em um

---

<sup>1</sup> Essa hipótese é defendida em 1988, por Durval Muniz de Albuquerque Jr, em sua Dissertação de Mestrado e reafirmada por Frederico de Castro Neves em suas produções sobre a referida seca.

estado alarmante de fome quando resolveram sair em busca de socorros públicos, no espaço urbano, já que as relações paternalistas não eram mais suficientes para salvá-los. À fome somou-se outro obstáculo que agravava ainda mais a situação:

“Vinham de longe aqueles magotes heróicos, atravessando montanhas e planícies, por estradas ásperas, quase nus, nutridos de cardos, raízes intoxicantes e palmitos amargos, devoradas as entranhas pela sede, a pele curtida pelo implacável sol incandescente” (OLÍMPIO, 1996:13). Nesse período, as estradas de ferro ainda não haviam sido construídas, portanto, os retirantes tiveram que fazer todo o percurso a pé, o que tornava a trajetória ainda mais dolorosa e preocupante.

Procurar entender como a seca interferiu nos hábitos alimentares daqueles sertanejos é admitir que eles possuíam uma cultura alimentar. E para compreender como a seca veio instituir novas práticas é necessário primeiro entender como era a dinâmica interna da cultura alimentar vivenciada por aqueles indivíduos. Como Henrique Carneiro (2003) vem nos mostrar, “a alimentação é, após a respiração e a ingestão de água, a mais básica das necessidades humanas”. Mas para além de uma necessidade biológica é um complexo de sistema simbólico que não se resume em levar o alimento à boca e suprir uma necessidade básica. Ela se materializa em hábitos, costumes e rituais.

Adentrar no campo da História da Alimentação não compreende apenas em conhecer o que determinados indivíduos comeram em um dado momento. Por isso tão importante como saber o que se come é saber como se come e, acima de tudo, por quais razões algo foi comido de maneira específica. As mudanças dos hábitos alimentares é um importante meio para ter acesso a um determinado período.

Se por um lado a alimentação tem o poder de unir e estabelecer a comunicação entre pessoas de diferentes culturas, tendo em vista que é mais simples comer a comida alheia do que aprender outra língua. Por outro lado, ela também serve como um caráter de identificação e auto-representação de um grupo social, regional e nacional, como por exemplo, a cultura brasileira possui características que são próprias de sua cultura alimentar, da mesma forma a civilização ocidental.

Porém, embora a alimentação possa servir de referência tão abrangente, ela também revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado

(CARNEIRO, 2003: 5). É dessa forma que, através de alguns poemas de Juvenal Galeno, tentamos identificar possíveis aspectos da cultura alimentar dos sertanejos que viviam no sertão cearense no final do século XIX. Acreditamos que essa se diferenciava dentro do próprio território cearense daqueles que viviam em regiões serranas e praieiras. Divisão essa, muito nítida nos poemas que Juvenal Galeno reúne em *Lendas e Canções Populares*, publicado em 1865.

Mesmo considerando a particularidade da vida sertaneja, no Ceará, em fins do século XIX, de forma alguma temos a pretensão de aderirmos a uma figura de sertanejo tipo. Pois se adotamos como sertanejo aquele que habita no sertão, nesta premissa estão implícitas múltiplas figuras como: a do fazendeiro que detinha a riqueza e a propriedade; o vaqueiro que trabalhava com a lida do gado, cuja realidade socioeconômica se diferenciava um pouco da vivida pelo agricultor, o qual podia ser aquele que tinha seu próprio roçado, como também aquele que trabalhava em parceria (BARBOSA, 2000).

E embora alguns sertanejos chegassem a desempenhar mais de uma dessas funções ao mesmo tempo, fica claro que, várias e contraditórias eram as realidades vividas por esses indivíduos, as quais não foram desconsideradas. É por isso que não negamos a existência, dentro da própria cultura sertaneja, de núcleos mais íntimos. Assim, através de alguns poemas de Juvenal Galeno procuramos perceber em que consistia a cultura alimentar tanto do vaqueiro como do agricultor. No poema *O vaqueiro*, podemos destacar:

*Depois, descansado me traz a consorte  
O queijo... e a qualhada, que apraz-me cear;  
Depois, a seu lado na rede... ditoso,  
Ou a onça manteira no campo a esperar.  
A vida qu'eu levo,  
Ouvi-me cantar.*

*Assim esta vida!... Se é tempo de inverno,  
Bem cedo nós vamos o leite, tirar,  
E após o almoço... que faça ela os queijo,  
Qu'eu saio a cavalo, qu'eu vou campear.  
A vida que eu levo*

*Ouvi-me cantar.* (GALENO, 2010:83)

O início da última estrofe é decisivo para demarcar o tempo vivido por esses vaqueiros: “é tempo de inverno”. Nesse período está implícita uma determinada rotina e regularidade na vida cotidiana desses sujeitos “bem cedo nós vamos o leite, tirar, e após o almoço... que faça ela os queijos”. É tempo de muitos feitos, muita felicidade e, claro, muita fartura, pois no meio sertanejo um dos indícios para a felicidade é a abundância, a qual se apresenta com o leite, a qualhada e o queijo.

Perceber esses alimentos que compõem a mesa do vaqueiro conduz a reflexão de que sua cultura alimentar é a cultura do leite. E essa preferência não é aleatória, ela está intimamente ligada à função que essa categoria social desenvolve que é a de cuidar do gado. Assim, embora tenha vários aspectos em comum com outros sertanejos, o que identifica a alimentação do vaqueiro é a funcionalidade em torno do leite.

Da mesma forma, o agricultor sertanejo também se caracteriza por sua alimentação constituída pelos frutos que a terra lhe retribui por tanto trabalho:

*Duzentos passos da terra  
Arrendei para o roçado,  
E empurrei no mato a foice,  
E depois de broqueado,  
Fui à derruba e picá-lo  
Empanando o meu machado! [...]*

*Seco o mato fiz a cama  
E acabando de aceirá-lo,  
Pus-lhe fogo... que buraco!  
Não custou encoivaras,  
E eu tratava de cercá-lo. [...]*

*Vindo que fosse o inverno,  
Plantá-lo fomos um dia,  
As covas eu preparava,  
O resto Joana fazia,  
Punha a semente, e de terra  
Com seu pé a cova enchia. [...]*

*Bom inverno! Em pouco tempo  
Meu legume vi nascer!  
Chamei Joana para vê-lo...  
Tudo então era prazer!  
Que alegria sente a gente  
Vendo o que planta crescer! [...]*

*Bom inverno! Após a limpa  
Todo o milho apendoou;  
A mandioca escurece...  
O meu arroz cacheou;  
Jerimum e feijão verde  
Logo em casa se provou! [...] (GALENO, 2010: 131-132)*

Algo característico dessa cultura alimentar era a expectativa que se criava em torno do processo de produção do alimento, o qual necessitava de uma série de procedimentos para se obter o produto final. E para isso, primeiro era necessário preparar o terreno, que consistia em brocar; derrubar o mato; aceirar; queimar; cercar; e a partir dessa etapa a expectativa se tornava ainda maior, pois era preciso que houvesse inverno para plantá-lo e para que o legume pudesse nascer e crescer.

Como podemos perceber a segurança alimentar desses sertanejos era altamente vulnerável às condições climáticas, ao mesmo tempo em que era totalmente dependente de um conjunto de procedimentos que se interligavam em um ciclo anual e determinavam as etapas a serem realizadas em cada época do ano. Mais do que isso, havia também um ciclo para o tipo de alimentação que seria consumida em cada período do ano:

*O milho, o feijão, o gerimum e a melancia são consumidos até agosto, guardando-se somente o suficiente para plantar no ano seguinte.*

*Em setembro começam a desmanchar a mandioca, a fazer a farinha. E que alegres dias e festivos serões na humilde casa de palha do pequeno lavrador! Parentes, amigos e vizinhos, no mais cordial adjutorio, com elle arrancam, raspam, cevam a bem dita raiz. Levam-na à prensa, à peneira, ao forno. Suor de escravo não vereis ali correr; é o trabalho livre e fecundo, amenizado às vezes ou pela saudosa*

*modinha cearense ao tanger da viola ou por intermináveis histórias de cobras ou de onças. Feita a farinha, é recolhida em sacos que guardam sobre girais na pequena casa de taipa. Deve chegar para a alimentação até abril, tempo em que o roçado começa a dar algum gerimum, poucas vagens de feijão e melancias. (THEÓPHILO, 1883: 86)*

O mais interessante é perceber com se dava a dinâmica cotidiana dessas famílias que viviam da agricultura de subsistência, como cada etapa da produção de alimento servia como meio de união familiar e sociabilidade com os mais próximos. E um desses momentos se dava em dia de farinhada, “uma das cenas mais animadas do trabalho agrícola” (GALENO).

Entretanto, nem tudo era felicidade, intercalados aos bons anos de colheitas estavam os períodos de estiagem que traziam fome, miséria, doença, tristeza e morte. Como afirma Henrique Carneiro, a história da humanidade tem sido marcada por vários períodos de abundância e fome. Assim muitas vezes entender uma realidade através da alimentação implica em situá-la á luz de sua contrapartida, a fome. Isso porque “a alimentação é a luta contra a fome e nem sempre essa luta tem sido vitoriosa para a humanidade” (CARNEIRO, 1960:23). Sobre o entendimento que adotamos a respeito da fome o mesmo vem falar:

*A definição desse conceito não é tão simples como possa parecer. Fome na é apenas a sensação universal que todos possuímos antes de comer, melhor chamado de apetite, mas o estado crônico de carências nutricionais que podem levar à morte por inanição ou às doenças de desnutrição. (Ibid. 24)*

Era exatamente nesse estado crônico que muitos retirantes se encontravam durante a seca de 1877-79. Por isso, temos como propósito analisar experiências desesperadoras ocasionadas pela fome e as alternativas criadas pelos retirantes em situações extremas. Para tanto utilizamos como fontes obras de três literatos que escreveram sobre o período: Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio e José do Patrocínio.

Partindo do princípio que a forma como os sertanejos são apresentados nesses livros não parte de julgamentos deles sobre si mesmos. E tendo claro que nenhum documento é inocente, pudemos constatar que os discursos proferidos por esses intelectuais estão carregados de intencionalidades e por isso optamos em confrontar essas diferentes formas de representar as experiências vividas por aqueles retirantes.

Através do manuseio de nossas fontes, é inevitável perceber a importância alimentar que é atribuída, nesses períodos de estiagem, à farinha e à carne seca, as quais servem de base alimentar e sustento desses sertanejos em momentos tão dominados pela insegurança alimentar. Em *A Fome*, quando a família de Manuel de Freitas tem seus recursos esgotados, o último bem material da família é vendido para a obtenção de farinha e carne seca. E é com essa ração que o fazendeiro falido aguarda o retorno de seu primo que saiu em busca de vender os últimos escravos:

*Um mês era o prazo fatal e improrrogável para Inácio regressar.*

*Na despensa havia somente carne de gado magro e doente, e tão coberta de bolor que nem os vermes a queriam para repasto! [...]*

*No prazo marcado acabaram-se as rações e Inácio não chegou. Freitas estava justificado. A alimentação passou a ser exclusivamente carne ardida. Alguns litros de farinha de longe em longe mandados por amigos abastados iam-lhes conservando a vida. (TEÓFILO, 1979: 11)*

Embora esse recurso se apresente como uma alternativa recorrente diante da ausência de maior variedade de opções, acreditamos que não é aleatório o fato da farinha e da carne seca servirem de base alimentar nessas situações ocasionadas pela seca. Como essa é uma pesquisa ainda em andamento, nos propomos mais a lançar questionamentos, do que mesmos trazermos resposta prontas.

É dessa forma que a partir da referida constatação lançamos perguntas sobre a importância desse alimento para a cultura alimentar dos sertanejos cearenses; quais os fatores, que favoreceram a esse alimento ganhar um espaço na alimentação sertaneja cearense; e o que possibilitou a esses produtos terem sido utilizados pelo governo federal na distribuição de socorros públicos: “O fazendeiro condoído dos desgraçados, indagou o que faziam ali. Disseram-lhe que esperavam que o freiteiro se compadecesse deles e distribuísse ao menos uma saca de farinha das vinte do governo que levava para o interior”. (Id. Ibid.)

Sobre a distribuição dos socorros públicos, é nítido o caráter de denúncia contra a corrupção desempenhada pelas comissões de socorros e o descaso com que os retirantes eram tratados pelo poder público, tanto em *A Fome* como em *Os Retirantes*. Em contraponto, em

*Luzia-Homem*, não há intenção por parte do autor em denunciar a corrupção das autoridades e do poder público. Pelo contrário, a alimentação que chegava aos retirantes era farta, talvez até melhor do que nos tempos de fartura. (LANDIM, 1992):

*Acertara a Comissão de Socorros em substituir a esmola depressora pelo salário emulativo, pago em rações de farinha de mandioca, arroz, carne de charque, feijão e bacalhau, verdadeiras gulodices para infelizes criaturas, açoitadas pelo flagelo da seca, a calamidade estupenda e horrível que devastava o sertão combusto.* (OLÍMPIO, 1996:13).

Um ponto fundamental que Teoberto Landim chama atenção é para o fato de que Domingos Olímpio, ao invés de atribuir o termo esmola para o auxílio destinado pelo governo aos flagelados, ele se utiliza da expressão “salário emulativo, pago em ração”. Isso reflete a intenção do autor em apresentar o tratamento recebido por aqueles indivíduos como um tratamento digno. Esse tratamento também se expressa no tipo de alimentação recebida por eles, visto que, outras fontes, como *A Fome*, revelam que eles recebiam apenas “um litro de farinha e meio quilo de carne do sul”, enquanto que em *Luzia-Homem* eles recebiam “verdadeiras gulodices” compostas por farinha de mandioca, arroz, carne de charque, feijão e bacalhau.

A seguir o diálogo travado entre duas personagens pertencentes á família Queiroz de *Os retirantes* é fundamental para pensarmos o nosso objeto:

*Vosmecê lembra-se do que nos contou aquela mulher a respeito do que ela e a família passaram?*

*D. Ana meneou afirmativamente a cabeça.*

*- Começaram comendo raízes do mato...*

*- É que elas conheciam as ervas de que podiam aproveitar as raízes, porém nós...*

*- Mas depois – continuou Chiquinha – mataram a besta que trazia as cargas e comeram-no* (PATROCÍNIO, 1973: 107).

Como podemos perceber, na ausência da alimentação que esses indivíduos estavam habituados a terem, e diante da necessidade de comer, eles passam a se utilizarem de recursos

alternativos e nada comuns. No entanto, essa utilização não se dava de forma aleatória, quando possível, havia certa seleção desses alimentos alternativos de acordo com o que era menos distante da cultura alimentar sertaneja. Na ausência de provisões, um dos primeiros recursos que esses indivíduos lançavam mão foram as plantas, principalmente as raízes, que encontravam ao longo do caminho:

*A carnaubeira nos sertões do Ceará abriga as caravanas de retirantes à sobra das frondes e dá-lhes para comer a fécula das hastes novas. [...] Aquela goma dava excelente papa e tão sadia como a araruta. Arvore utilíssima, carnaubeira, desde a raiz ate pó das folhas, é aproveitado pelo homem (TEÓFILO, 1979: 31-32).*

Apesar da grande utilidade que essas plantas eram capazes de ter em períodos de escassez de alimentos, não podemos deixar de destacar que a sua utilização, com o passar dos dias, sendo a única base nutricional de muitos retirantes, acarretavam desgaste e enfraquecimento do organismo. Além disso, também fizeram parte dessa dieta muitas plantas venenosas. Como afirmou Teófilo, uma “figura obrigada de todas as secas” era a mucunã-lisa, uma planta tradicional que salvou a vida muitos desses indivíduos, sendo ao mesmo tempo a causa de muitas mortes por intoxicação.

*Freitas via a mucunã por prisma diferente. Tinha certeza de ser muito venenosa e, como tal, a maior assassina que o Ceará tem tido, durante as secas; mas também sabia que a ação tóxica podia ser modificada ou mesmo destruída, segundo o processo empregado na extração da fécula. Preparada por mãos ignorantes, é sempre um veneno e nunca um alimento. Convencido disso, dispõe a prepará-la com o máximo de escrúpulo (Ibid. 39)*

Entre esses extremos, o elemento que diferenciava a função de alimento da função de veneno era o preparo. Por tanto, para nossa reflexão, mais do que saber o que esses sujeitos comiam, nos interessa também saber como eram preparados esses alimentos.

Uma segunda alternativa, na ausência desses vegetais, era o sacrifício de algum animal de utilidade doméstica, como a besta, já citada, ou mesmo algum animal de estimação como o cão:

*A moça hesitou ainda, mas afinal, como se fosse tomada de um acesso de loucura, levantou-se, e, tomando um dos tições, chamou com uma castanhola o nobre cão, que a seguiu sem relutar. [...]*

*O choro da caçula, a sua triste queixa de que ia morrer soaram com mais força. A moça, revestindo-se de uma heroicidade semelhante á alucinação, passou em um dos caibros a corda e puxou até que o fiel companheiro dos seus infortúnios começasse a sentir os primeiros efeitos do estrangulamento. [...]*

*- Vamos, minha tia, é preciso ter coragem, ou senão veremos todas aquelas crianças mortas.*

*Horas depois, as duras carnes do Amigo faziam calar a caçula, e, satisfazendo as duas meninas mais velhas, diminuía a dor das duas senhoras (PATROCÍNIO, 1973:109).*

A questão que se coloca não trata apenas de comer um tipo de carne, esse caso extrapola o limite do que é permitido em uma cultura alimentar e o que é abolido pela mesma. Por tanto, comer ou não a carne de um determinado animal, não se restringe ao valor nutricional que ela possui, vai além disso e permeia no valor simbólico e nos tabus que cada cultura atribui aos animais.

Outra alternativa que alguns retirantes encontraram no desespero da luta contra a morte foi a antropofagia:

*- O que é verdade é que, para uma mãe não fazer o que ela fez, é preciso estar doida.*

*Outros, porém, acudiram logo:*

*- É mesmo por maus bofes; doido não diz coisa com coisa, e ela responde que nem uma letrada.*

*- Diga então qual o crime de que é acusada – ordenou a autoridade dirigindo-se á ré. [...]*

*- Matei meu filho! Resmungou a desventurada. [...]*

*- Foi levada por alguma raiva?*

*- Não.*

*- Alguém a obrigou a praticar semelhante ato?*

*- Não; foi minha desgraça.*

*- mas qual foi esta desgraça?*

*- A fome (Ibid. 117)*

A partir desse relato o que podemos constatar por primeiro é o quanto essa prática é abominável por aquela cultura, o que é possível de ser percebido a partir da indignação que o fato ocasiona entre os circunstantes e a tentativa de encontrar uma causa que explique o procedimento da acusada. Dentre essas causas são citadas a loucura e até mesmo a maldade de uma desventurada. No entanto, no final fica mais que claro que o grande fator responsável por tal atrocidade foi a fome.

É dessa forma que queremos mostrar aqui a especificidade em que ocorre a antropofagia nesse contexto da seca, já que essa não era uma prática aceitável na cultura alimentar daqueles sertanejos. Por tanto, ainda mais carregada de tabus que a prática anterior, ela ocorreu em situações extremas, onde as regras sociais foram rompidas na tentativa de sobrevivência. Ainda sobre o mesmo caso é interessante que não deixemos de atentar para um detalhe:

*Ardia vivo, no meio do compartimento da casa, o qual devia ter sido a cozinha, um grande brasido sobre o qual chiava um pedaço de carne. De costas para ele, acorada defronte o cadáver nu de um menino, a mulher, munida de uma pequena faca, descarnava-lhe uma das coxas, contando com a frieza de um carniceiro as carnes de um boi.*

*[...] puderam ver por um longo espaço a vítima, já com o rosto escaveirado porque lhe haviam sido cortados as bochechas e os lábios, [...] (Ibid. 123)*

Destarte, mesmo em uma situação de anomia, como se apresenta a antropofagia, o fato de comer outro ser humano não se apresenta totalmente desligado influências da cultura em que ele se dá. Isso porque as partes do corpo humano estão envolvidas por uma carga de simbolismo, a qual não pode ser desconsiderada. É por isso que o ato não se resumiu apenas em comer aleatoriamente qualquer parte, houve uma seleção daquelas mais aceitáveis. Além disso, esse “alimento” não foi comido no estado puro em que tinha sido entrado, ele passou pelo processo do preparo, no caso o cozimento.

Enfim, com todos os apontamentos que foram aqui colocadas, tivemos por objetivo mostrar que há muito a se pensar sobre a questão da alimentação e fome na seca e 1877-79, no Ceará. E embora nossas fontes já tenham sido muito utilizadas para outras análises do

período, acreditamos na riqueza de informações que essas obras literárias podem nos oferecer, sendo sempre possível revisitá-las e em cada vez atentarmos para novas problemáticas.

## BIBLIOGRAFIA

ALBURQUEQUE JR, Durval Muniz. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)**. Dissertação de Mestrado em história: UNICAMP, 1988.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Trem da seca: sertanejos, retirantes e operários (1877-1880)**. Fortaleza: SECULT, 2005.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FENÁNDEZ-ARMESTRO, Felipe. **Comida: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed. 2010.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. IN: **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

LANDIM, Teoberto. **Seca: a estação do inferno**. Fortaleza: UFC, 1992.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4ª ed. São Paulo: brasiliense, 1983.

SOUZA, Simone de e NEVES, Frederico de Castro (orgs.). **Seca**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

## Fontes:

GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. Fortaleza: Secult, 2010.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: editora ática, 1996.

PATROCÍNIO, José do. **Os retirantes**. São Paulo: editora três, 1973.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1979.